



**GUIA DE BOAS PRÁTICAS:**  
**MENINAS, SKATE &  
TRANSFORMAÇÃO**

# skate

pela  
mudança social

realização:



apoio:





# Carta pra nós

Se eu tivesse desistido na primeira vez que eu caí, muita coisa não teria acontecido.

Quantas manobras eu não teria aprendido?

Quantos lugares não teria conhecido?

Quantas competições eu não teria conquistado?

O medo andou comigo por um tempo. E às vezes ainda aparece por aqui. Um medo que todas nós conhecemos.

O medo de não ser aceita, de ouvir que isso não é para você.

Mas é nessas horas que lembro de todas aquelas que vieram antes de mim e sonho com todas as outras que ainda virão.

Por isso, sempre quis que mais meninas ocupassem as pistas de skate. Que elas se sentissem cada vez mais confiantes sobre quem elas são e sobre o que podem conquistar.



Neste contexto, tive a oportunidade de me juntar ao Programa Skate pela Mudança Social. Uma iniciativa que acompanhei desde o começo.

Durante todo esse tempo, nós apoiamos 3 organizações do nosso nordeste. Que atenderam + 170 crianças, sendo mais da metade delas, meninas.

É tudo isso, também olhando com muito cuidado e atenção para as treinadoras e treinadores dessas organizações.

É para que os aprendizados dessa jornada impactem mais iniciativas e meninas, nós criamos este guia. Um material com nossos acertos e quedas pra contribuir com as várias orgs de esporte do Brasil e do mundo que acreditam no poder do esporte para mover o mundo adiante.

Afinal, cada vez que a gente sobe no skate, muda mais do que a própria história.  
Muda o caminho pra quem vem depois.

Cada manobra, cada queda, cada obstáculo vencido — é um jeito de dizer que a gente chegou.

Aqui, a coragem tem nome de menina, e o skate é o caminho que a gente escolheu pra sonhar.

A gente caiu, aprendeu, se levantou juntas.

E agora... Não tem mais volta.  
Porque esses espaços são nossos — e o futuro, também.

Raysa Leal.





# SOBRE ESTE GUIA

Este guia foi feito para gestores, educadores e pessoas interessadas em usar o esporte como plataforma de transformação. **Ele nasce da trajetória do Programa Skate pela Mudança Social, que iniciou sua jornada em 2023.**

Após um intenso ciclo de formações e treinamentos realizados entre 2024 e 2025, este material materializa os resultados colhidos em campo. Ele traz achados, práticas e aprendizados para fortalecer projetos que coloquem meninas no centro do esporte, consolidando esse percurso com o lançamento oficial do guia agora em 2026.



Assim como as revistas de skate que marcaram gerações, **este guia não precisa ser lido em ordem linear.** Você pode mergulhar do início ao fim, acompanhando o fio das descobertas, ou navegar direto para os tópicos de maior interesse para a sua prática. Cada capítulo funciona como uma sessão independente, mas, juntos, eles formam um mosaico do que aprendemos ao longo de toda essa caminhada.



# SUMÁRIO

## O QUE NOS MOVE

página 01 →

## “DEPOIS DO SKATE EU APRENDI A NÃO ABAIXAR A CABEÇA”

O SKATE PARA ALÉM DA MANOBRA

página 09 →

## “QUANDO A GENTE CONFIA, A GENTE PODE DESCER A RAMPA SEM MEDO”

CONSTRUINDO ESPAÇOS SEGUROS

página 15 →

## “SKATE NÃO É COISA DE MENINO. É DE TODO MUNDO”

EQUIDADE E REPRESENTATIVIDADE NO ESPORTE

página 19 →

## “A GENTE NÃO TÁ SOZINHA NO SKATE”

TRABALHANDO EM REDE E JUNTO ÀS FAMÍLIAS

página 28 →

## “A CADA DIA A GENTE SE ESFORÇA PARA APRENDER COISAS NOVAS”

MELHORIA CONTÍNUA

página 33 →

## “QUERO ANDAR DE SKATE ATÉ OS 80 ANOS!”

FUTURO E SUSTENTABILIDADE

página 41 →

## PALAVRAS FINAIS

página 47 →





# O QUE NOS MOVE

Nem toda criança tem acesso ao poder do esporte. E para muitas meninas, entrar em uma quadra ou em uma pista continua sendo atravessar barreiras invisíveis de gênero, cultura e pertencimento. Pesquisas mostram que, no mundo todo, elas entram mais tarde e saem mais cedo que os meninos no esporte: muitas vezes porque escutam que *"isso não é coisa de menina"*, porque não encontram treinadoras mulheres em quem se espelhar ou porque não se sentem seguras nos espaços esportivos<sup>1</sup>.



## Os números impressionam:

**85%**

das meninas no mundo são inativas, **frente a 78% dos meninos**<sup>2</sup>

**41%**

das meninas que abandonaram o esporte dizem que **se sentiram objetificadas** enquanto praticavam esportes<sup>4</sup>

**45%**

das meninas entre 11 e 17 anos deixam o esporte, **o dobro da taxa entre os meninos**<sup>3</sup>

**89%**

das meninas acreditam que o esporte deveria ser **mais inclusivo para garotas**<sup>5</sup>

O resultado é duro. Quando uma menina deixa de praticar esporte, ela perde muito mais do que o treino: perde a chance de fortalecer sua autoestima, de testar seus limites, de ganhar coragem para arriscar, de **aprender a se levantar depois da queda**.

O skate, nesse cenário, surge como uma plataforma potente. Por sua natureza livre, criativa e pouco hierarquizada, a modalidade abre espaço para a experimentação e para a construção de pertencimento.

Ao andar de skate, meninas vivenciam...

- ☒ ... que errar faz parte
- ☒ ... do que o seu corpo é capaz
- ☒ ... que a coragem vale mais do que a perfeição
- ☒ ... novas formas de ocupar as ruas, as pistas e o mundo

<sup>1 3 4 5</sup> NIKE. Coaching Girls Guide. [S. l.]: Nike, 2024. Guia.

<sup>2</sup> 84% dos jovens entre 11 e 17 anos no Brasil são sedentários, diz OMS. *Correio Braziliense*, Brasília, 22 nov. 2019.



Foi a partir desse contexto que nasceu o **Programa Skate pela Mudança Social**: uma parceria entre a Rede Esporte pela Mudança Social - REMS, a Nike, a Laureus Sport for Good e a skatista Rayssa Leal. A iniciativa contou com o apoio técnico fundamental da ONG Social Skate e se propôs a fortalecer organizações da sociedade civil do Nordeste, para ampliar a participação de meninas no skate e consolidar redes locais de desenvolvimento. Para isso, combinou apoio financeiro e técnico, doação de materiais, encontros formativos e espaços de troca de experiências entre as organizações participantes.

Entre os compromissos que atravessam todo o Programa — e este guia: **compartilhar o que aprendemos com outras organizações e redes**, para que mais crianças, especialmente meninas, encontrem no esporte um lugar seguro, potente e permanente.

# O CAMINHO QUE TRAÇAMOS

## O ponto de partida



Meninas possuem mais responsabilidades domésticas e familiares do que os meninos.



Meninas entram mais tarde e saem mais cedo do esporte, enfrentando o estigma de que esporte é "coisa de menino".



Barreiras como baixa confiança corporal, preconceitos de gêneros, necessidade de mais referências femininas no esporte e mais espaços seguros dificultam sua permanência.

No caso do skate, embora a modalidade esteja em pleno boom de popularidade, esse crescimento ainda não é acompanhado por apoio pedagógico, institucional e financeiro suficientes para que organizações da sociedade civil possam estruturar programas consistentes, especialmente com a intencionalidade do desenvolvimento humano e da equidade de gênero.



Apoiar **organizações do Nordeste** significa não apenas investir em territórios historicamente menos contemplados por programas esportivos, mas também **reconhecer a potência cultural e social da região**, valorizando iniciativas locais e devolvendo à região de origem de Rayssa Leal parte do que o skate lhe proporcionou.



## As ações | o que o programa fez

- ✓ Facilitou **encontros formativos** para gestores e educadores, abordando temas como salvaguarda, equidade de gênero e pedagogia do skate.
- ✓ Criou **espaços de intercâmbio** entre organizações e também entre as crianças participantes, fortalecendo redes de colaboração, amizade e aprendizado coletivo.
- ✓ Promoveu participação em **eventos e festivais locais**, além de experiências marcantes como o encontro com Rayssa Leal em São Paulo durante a realização de um campeonato mundial, ampliando repertórios, visibilidade e inspiração.
- ✓ Garantiu **acompanhamento técnico** da ONG Social Skate - referência nacional em skate educacional - as organizações selecionadas.
- ✓ Realizou doação financeira para as organizações participantes **visando a estruturação** dos projetos de skate educacional.
- ✓ Forneceu **materiais esportivos** para fortalecer a prática das organizações, incluindo equipamentos de segurança (capacetes, joelheira e cotoveleira).

## Os resultados esperados | onde se quis chegar

- 😊 Mais meninas praticando skate em **espaços seguros e acolhedores**.
- 📖 Organizações mais estruturadas e com **metodologias pedagógicas fortalecidas**, capazes de sustentar o skate como plataforma de desenvolvimento humano.
- ♀ Fortalecimento das referências femininas dentro das organizações (educadoras, técnicas e profissionais de apoio) para além da inspiração de atletas, garantindo **modelos próximos e acessíveis para as meninas**.
- 🤝 Educadoras e educadores mais preparados para apoiar a permanência de meninas no esporte, com ferramentas práticas para trabalhar **equidade de gênero**.
- 👨👩 Famílias e comunidades **mais envolvidas**, reconhecendo o valor do esporte na vida das meninas e apoiando sua permanência.





## O impacto | a visão de futuro



Meninas com mais **autoconfiança, resiliência e senso de pertencimento.**



A **quebra de estereótipos de gênero no esporte**, inspirando outras meninas e famílias.



O fortalecimento do esporte como **plataforma de desenvolvimento humano**, capaz de transformar não apenas trajetórias individuais, mas comunidades inteiras.

**“Depois do skate eu consegui confiar mais em mim e nas pessoas. Eu aprendi a não abaixar a cabeça, porque a cada vez que a gente abaixa a cabeça, a gente está dando as costas para o nosso sonho.”**

**Maria Sofia, 13 anos, participante da Associação Conexão Social (Lagoa de Itaenga, PE)**





# QUEM ESTÁ JUNTO NESSA

As organizações apoiadoras



A **Rede Esporte pela Mudança Social (REMS)** reúne mais de 130 organizações no Brasil, com a missão de mobilizar e fortalecer iniciativas que utilizam o esporte como fator para o desenvolvimento humano. Sua atuação é pautada pelo propósito de ampliar o acesso ao esporte e à atividade física como um direito para todas as pessoas. No programa Skate pela Mudança Social, a REMS trouxe sua experiência de articulação em rede e a abordagem de temas transversais que estruturam seu trabalho — entre esses, a equidade de gênero, incorporada como dimensão essencial para a construção de ambientes esportivos mais justos e inclusivos.

Saiba mais



A **Laureus Sport for Good** é uma organização internacional sem fins lucrativos que apoia organizações que utilizam o esporte como catalisador de mudança social. Reconhecida por conectar práticas locais a uma visão global, a Laureus trouxe para o programa Skate pela Mudança Social sua bagagem em gestão, monitoramento e fortalecimento institucional, ajudando as organizações apoiadas a transformarem práticas em impacto sustentável.

Saiba mais



A **Nike** tem como propósito mover o mundo adiante por meio do poder do esporte. Em 2007, apoiou a criação da REMS, em parceria com o PNUD, e desde então está junto da rede na missão de ampliar o acesso ao esporte. Somando esforços com parceiros de longa data e com a atleta Rayssa Leal, no Programa Skate pela Mudança Social, a Nike reforça seu compromisso com o futuro do esporte para as novas gerações.

Saiba mais



# RAYSSA LEAL

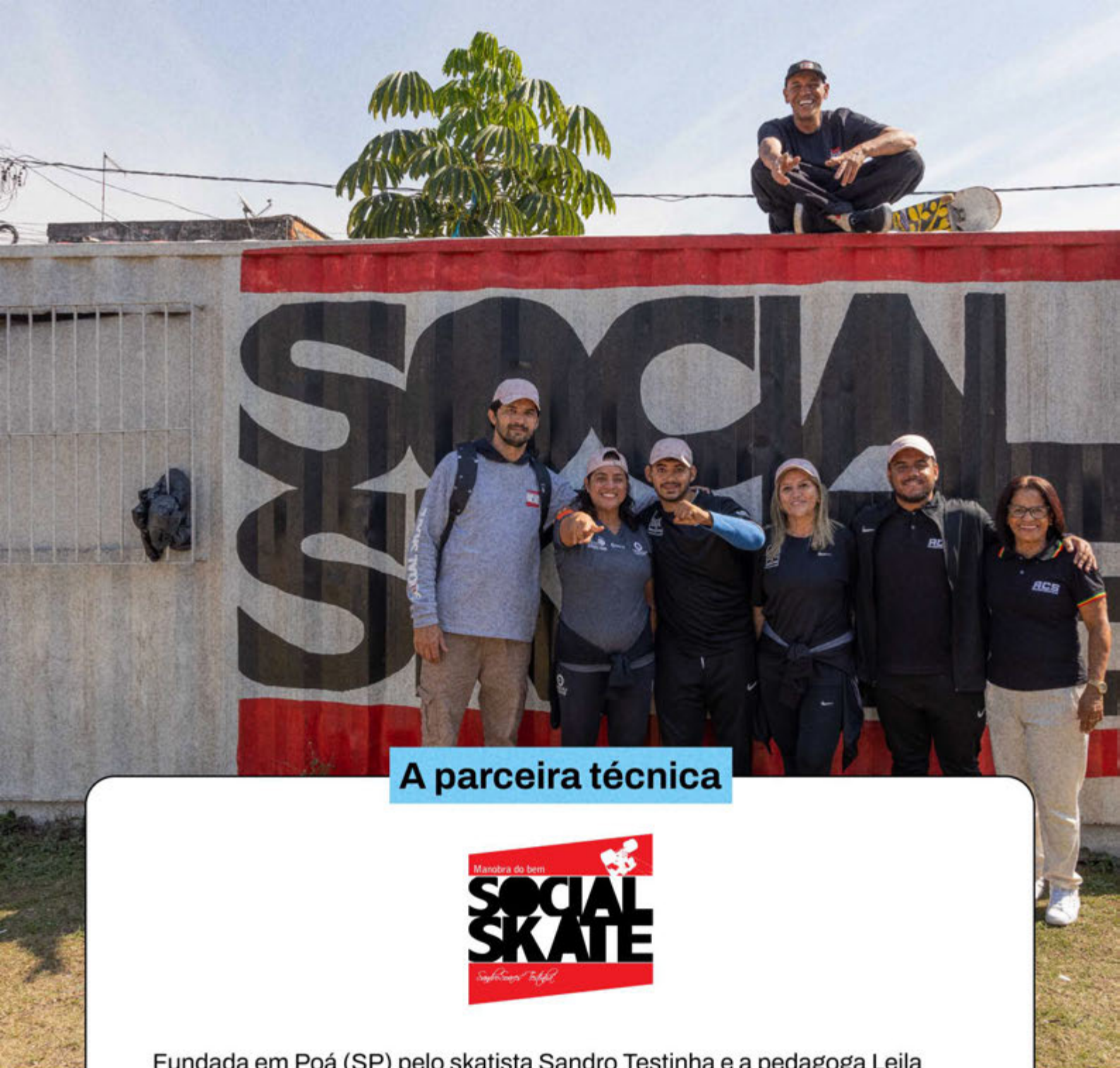
## A atleta-inspiração

Nascida em Imperatriz, no Maranhão, a skatista Rayssa Leal se tornou **símbolo de uma nova geração**: medalhista olímpica, multicampeã mundial e inspiração para meninas em todo o Brasil. Patrocinada pela Nike desde 2018, Rayssa ampliou sua atuação ao assumir o **protagonismo** como embaixadora do Skate pela Mudança Social. Sua presença no programa vai além das conquistas esportivas: Rayssa representa, com autenticidade, a quebra de estereótipos e **a prova de que o skate é também espaço de meninas**.

“Estou muito feliz de fazer parte de algo que incentiva meninas a andarem de skate, principalmente no Nordeste. É uma oportunidade de quebrar barreiras e provar que nós podemos nos divertir no esporte.”

Rayssa Leal, no lançamento do Programa Skate pela Mudança Social





## A parceira técnica



Fundada em Poá (SP) pelo skatista Sandro Testinha e a pedagoga Leila Vieira, a ONG **Social Skate** é pioneira e referência nacional no uso do skate como ferramenta educacional e de transformação social. A organização oferece atividades gratuitas para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, combinando prática esportiva com apoio pedagógico, cultural e socioemocional. No Skate pela Mudança Social, a Social Skate atuou como parceira técnica, apoiando as formações de educadores, a construção de metodologias inclusivas e troca de experiências e aprendizados entre as organizações participantes.



[Clique e conheça mais sobre o trabalho da Social Skate](#)



## As organizações protagonistas

Após um processo de seleção que considerou as inscrições de organizações da Sociedade Civil do Nordeste que já desenvolviam – ou tinham interesse em desenvolver – projetos com skate, foram realizadas análise documental, habilitação técnica e visitas técnicas presenciais, que avaliaram a infraestrutura, governança, salvaguarda, metodologias e inserção comunitária das instituições pré-selecionadas. A partir das visitas, três organizações foram escolhidas para fazer parte do **Programa Skate pela Mudança Social**. O que mais chamou a atenção não foi apenas a força de cada uma delas, mas como, juntas, se complementam em perfis e trajetórias.



O **Instituto Esporte Mais**, fundado em Fortaleza (CE), é reconhecido nacionalmente por sua atuação consistente no campo do esporte para o desenvolvimento humano. A organização já consolidou metodologias pedagógicas inovadoras em modalidades diversas e atua com ênfase na proteção de crianças e na promoção da equidade de gênero. No Skate pela Mudança Social, encontrou uma oportunidade de expandir suas práticas também para o skate, incorporando a modalidade ao seu repertório de esporte educacional e compartilhando aprendizados com as demais organizações.



A **Associação Conexão Social**, localizada em Lagoa de Itaenga, na Zona da Mata de Pernambuco, se destaca pela forte capacidade de mobilização comunitária. Atuando em territórios marcados por vulnerabilidades sociais e poucas opções de lazer e esporte para crianças e jovens, a Conexão Social construiu sua identidade a partir da proximidade com famílias, escolas e lideranças locais. Foi nesse cenário que surgiram as primeiras iniciativas de skate, ainda antes do edital, como resposta concreta ao potencial transformador do esporte. Com o Programa, reforçou seu compromisso com o skate educacional.



A **Associação Atletas Sal e Luz**, localizada no município de Amontada, no litoral do Ceará, já possuía uma atuação consolidada com o skate antes mesmo do edital. Criada a partir da paixão de lideranças locais pela modalidade, a organização tem em sua essência o compromisso de formar não apenas atletas, mas cidadãos. Com uma trajetória marcada por eventos, oficinas e atividades abertas à comunidade, construiu legitimidade técnica e credibilidade junto a jovens e famílias. No Skate pela Mudança Social, incorporou de maneira intencional princípios de equidade de gênero e de educação pelo esporte através do **PESS - Projeto Escola de Skate Social**.





“DEPOIS DO **SKATE** EU APRENDI  
A NÃO ABAIXAR A CABEÇA”

— Maria Sofia, 13 anos, participante do programa

### Para refletir

**Não é só ollie, drop e flip.**

O skate é um instrumento educativo que desenvolve coragem, vocabulário emocional, colaboração e visão de futuro. E quando intencionamos essa prática para aprendizagem, vemos as pistas virarem verdadeiras salas de aula ao ar livre.



## O skate para além da manobra

A rampa de concreto dá um frio na barriga. Três meninas formam um semicírculo, shape no chão, joelhos trêmulos. O silêncio antes do primeiro empurrão. “Vai junto comigo?”, pergunta a educadora. A resposta sai num sopro: “Vou... mas devagar”. Duas tentativas depois, a roda de amigas explode em um “boa!” que ecoa na pista. A cena se repetiu em Fortaleza, Amontada e Lagoa de Itaenga — todas cidades onde o Programa Skate pela Mudança Social foi se construindo sob uma hipótese ao mesmo tempo simples e ousada: **o skate pode ser escola.**

Desde o início, a aposta era que mais meninas praticando skate em seus próprios territórios sairiam mais confiantes sobre si e sobre o futuro. É o skate tratado a partir de toda sua potencialidade; como catalisador de coragem, manejo do medo, convivência com a frustração e respeito ao processo: não só acertar a manobra, mas aprender a tentar de novo.



# O que é esporte educacional?

Esporte educacional é toda prática esportiva conduzida com intencionalidade formativa: não se resume à performance, mas prioriza a promoção de aprendizagens físicas, sociais, emocionais e cognitivas.

No Brasil, esporte é direito social (art. 217 da Constituição). Quando olhamos pela lente do esporte educacional, focamos na formação integral e também na inclusão — nada de empurrar os menos habilidosos para a porta de saída. Inclusão de verdade pede desenho pedagógico, regras e linguagem que acomodem a diversidade, sem segregar.

“ Não adianta exigir de uma criança uma manobra que ela não pode dar ainda. O skate educacional é sobre respeitar o tempo de cada uma e fazer com que todas saiam com a sensação de prazer, não de frustração. ”

Leila Vieira, fundadora da Social Skate



Essa visão moldou a seleção e o desenvolvimento das organizações do **Programa Skate pela Mudança Social**. Por exemplo, atividades de esporte educacional e integração projeto-família-escola foram dimensões avaliadas na seleção e reforçadas nos momentos formativos, sempre com a ênfase de que o processo pedagógico era tão ou mais importante do que a manobra em si.



## Por que isso importa?

Meninas se beneficiam quando o esporte cria ambientes de confiança e progressão, onde o progresso é mais valorizado que o resultado.

[\*Coaching Girls Guide\*](#)

O esporte, quando acessível, ajuda adolescentes a expandir horizontes e sonharem com futuros diferentes.

[\*Pesquisa Por Ser Menina\*](#)

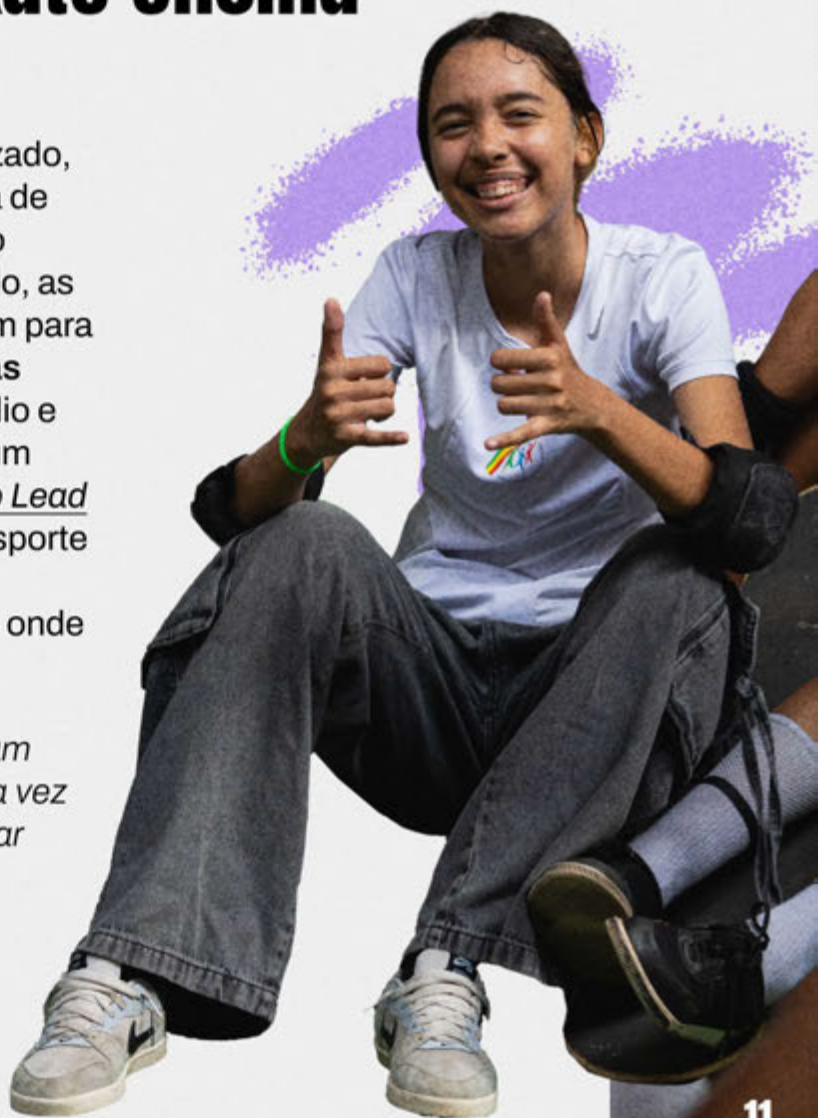


## O que a pista de skate ensina

Na nossa lente, o skate educacional é um desdobramento disso: espaço de aprendizado, autonomia e empoderamento. Ferramenta de inclusão e transformação social. Quando o potencial do skate para educação é elevado, as pistas se tornam espaços de aprendizagem para além da técnica. **A curto prazo, as meninas ficam, confiam e convidam outras.** A médio e longo prazos, essas experiências pintam um quadro transgeracional: a pesquisa *Play to Lead* mostra que as habilidades cultivadas no esporte transbordam para papéis de liderança, especialmente quando ampliamos acesso onde há menos oportunidades.

“Cada movimento ali, os professores estavam perto. Aprendi a respeitar e esperar a minha vez de falar. Depois do skate eu consegui confiar mais em mim e nas pessoas.”

Ana Clara, 11 anos, participante do programa





**Durante toda atividade, incluindo nas progressões simples,** as organizações criaram caminhos diversos, mas convergiram em alguns princípios e práticas de ouro:

1

**Focar no processo e não no resultado:**

*celebrar a tentativa, não só os acertos.*

**Como fazer na pista:**

- Nas progressões simples (base, empurrar, subir/descer) criar espaço para quedas seguidas de novas tentativas;
- Fazer e incentivar elogios à tentativa, não só à manobra perfeita (“mandou bem por tentar”, “boa a ousadia”, “curti como você ajustou a base!”)

**Desenvolvimento socioemocional:**

- ✦ Coragem
- ✦ Resiliência
- ✦ Gestão do medo

2

**Voz e vez:**

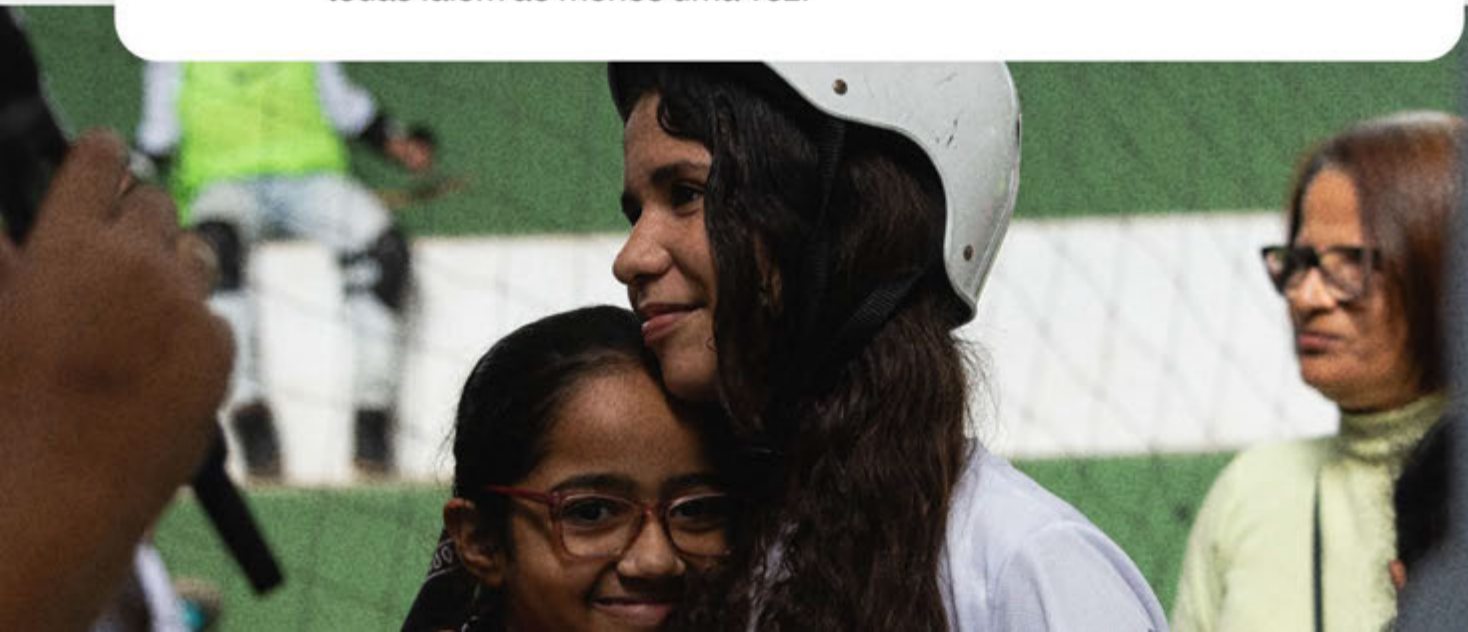
*ampliar pertencimento e segurança psicológica.*

**Como fazer na pista:**

- Criar rodas de conversa no começo e no final das sessões; cada menina define um mini-objetivo no início e, no fim, nomeia um aprendizado para fora da pista;
- Usar regra de uma fala por vez (ex.: “microfone imaginário”); garantir que todas falem ao menos uma vez.

**Desenvolvimento socioemocional:**

- ✦ Pertencimento
- ✦ Autoconsciência
- ✦ Comunicação
- ✦ Empatia





# 3

## **Pergunte mais, instrua menos:**

*ativar tomada de decisão por si.*

### **Como fazer na pista:**

- Trocar correções por perguntas abertas durante a prática (“o que você mudaria na próxima?”);
- Educador garantir uma pausa de 5-10s para reflexão das crianças antes de dar a resposta;
- Convidar a autoavaliação e dicas entre pares (“o que você percebeu na sua base?”).

### **Desenvolvimento socioemocional:**

- ✦ Autonomia
- ✦ Tomada de decisão
- ✦ Pensamento crítico

# 4

## **Todos caem:**

*deixar os erros acontecerem e focar no recomeço*

### **Como fazer na pista:**

- Adotar um gesto rápido (ex.: sacudir o erro) após quedas;
- Usar linguagem de processo (“o que aprendemos com essa tentativa?”);
- Tolerância zero à ofensa entre as crianças;
- Redefinir micro-metas após falhas.

### **Desenvolvimento socioemocional:**

- ✦ Tolerância à frustração
- ✦ Persistência
- ✦ Regulação emocional





# 5

**Ambiente misto com intencionalidade:**  
*mediar a integração entre meninas e meninos*

## Como fazer na pista:

- Formar duplas/trios mistos com papéis claros (quem tenta, quem dá segurança, quem observa e elogia);
- Reforçar regras de respeito e turno;
- Priorizar jogos cooperativos; intervir quando alguém monopoliza a pista.

## Desenvolvimento socioemocional:

- ✦ Colaboração
- ✦ Respeito
- ✦ Empatia
- ✦ Mediação de conflitos

# 6

## Liderança entre pares:

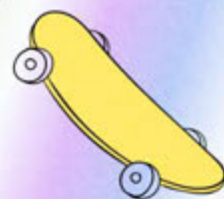
*criar oportunidades para que as meninas conduzam e ensinem umas às outras.*

## Como fazer na pista:

- Momentos de "uma propõe, todas fazem" (mini "siga a líder");
- Regras co-criadas; papel rotativo de monitora;
- Feedback entre pares com linguagem de processo.

## Desenvolvimento socioemocional:

- ✦ Protagonismo
- ✦ Responsabilidade coletiva
- ✦ Comunicação
- ✦ Iniciativa







**“QUANDO A GENTE CONFIA, A GENTE  
PODE DESCER A RAMPA SEM MEDO”**

— Heloisa, 11 anos, participante do programa

### Para refletir

**Segurança não é só capacete:** é clima, combinados e cuidado coletivo. Quando as crianças confiam nas pessoas e no espaço, a pista vira território de pertencimento. As crianças têm o direito de participar, desenvolver-se e divertir-se no esporte, em um ambiente seguro e inclusivo.

## Construindo espaços seguros

Quem olha uma atividade do IEMais, PESS ou Conexão Social acontecendo, pode não imaginar, mas ela começou muito antes da primeira manobra. Aliás, fora da pista: na rua, o time já mapeou iluminação, horários e fluxo de pessoas do entorno. Lá dentro, num cartaz com letra de criança é possível ler combinados de gente grande: “respeito, fila sem empurrar, pedir ajuda”. Na roda de abertura já se combinam sinais (“mão no ar = pausa”). Antes de subir no skate todo mundo sabe onde beber água, por onde sair e quem procurar se travar. E essas são apenas algumas das salvaguardas.

Em Lagoa de Itaenga, Heloísa, participante da Associação Conexão Social, resume o sentimento que aparece antes da coragem: “Eu confio bastante nos professores quando eu vou descer a rampa... eu fico com um pouquinho de medo, mas os professores me ajudam”. É essa confiança no ambiente seguro que transforma a primeira descida em muitas voltas.





# O que é salvaguarda?



De forma simples, salvaguardar é colocar em prática um conjunto de ações para garantir que todas as crianças, jovens e adultos estejam seguros de qualquer tipo de dano em todas as interações com a organização — nas atividades esportivas, educativas, culturais, nos deslocamentos e até nos espaços digitais. Isso passa tanto pela promoção de boas práticas quanto pela coibição de comportamentos que possam causar dano.

Milhares de crianças e adolescentes passam por quadras, pistas e campos todos os dias para brincar, treinar e se desenvolver no esporte. Elas têm direito a participar em um ambiente seguro e prazeroso, como afirma a Convenção dos Direitos da Criança da ONU. Mas a realidade mostrou que, por muito tempo, o esporte ignorou seus próprios riscos e silenciou denúncias. Só nos últimos 15 anos as vozes de vítimas de diferentes formas de violência passaram a ser ouvidas, e as organizações começaram a estruturar respostas sistemáticas a comportamentos inadequados de adultos e pares no contexto esportivo. É desse diagnóstico que nasce a agenda de salvaguardas.

No Programa Skate pela Mudança Social, isso significou apoiar as organizações a criar ou fortalecer suas políticas de salvaguarda, formalizar procedimentos e comunicar tudo isso para suas comunidades locais, para muito além da pista de skate.



## Quer se aprofundar?

Recomendamos a leitura do **Manual de Salvaguarda Internacional para Crianças no Esporte**, que apresenta as oito salvaguardas e como implementá-las:

1. Políticas — 2. Procedimentos de resposta — 3. Conselho e apoio

4. Redução de risco — 5. Orientações de comportamento — 6. Recrutamento

7. Trabalho com parceiros — 8. Monitoramento e avaliação



# Adequando a pista à criança, e não o contrário

Em Fortaleza, a equipe do Instituto Esporte Mais descreveu o arranque do programa como um mutirão de adequação: escolher onde (o equipamento público parceiro), quando (faixas de horário com luz e movimento mais seguros) e como (garantir materiais e manutenção). Na prática, o trio pista-iluminação-equipamentos foi tratado como uma só frente de trabalho: segurança. E isso, segundo a organização, foi o que atraiu um bom número de crianças já desde o começo do projeto, porque reduziu barreiras invisíveis logo na chegada.



Ter **mais meninas** nas pistas e mais confiantes exige espaços que convidem a tentar, especialmente nos primeiros encontros, e isso depende tanto de adequação física quanto de rotinas de cuidado. Aqui vão alguns dos aprendizados que tivemos sobre **como melhor adequar os espaços**:

## No desenho urbano, acessibilidade vira convite

O fato da pista ser próxima à comunidade fez a diferença. Segundo a liderança de uma das organizações do Programa: *“as meninas passavam, viam o projeto acontecendo, paravam e chegavam”*. Essa porta aberta do território trouxe curiosidade e, com ela, a coragem do primeiro contato — algo que é fácil perder quando o espaço é distante, mal sinalizado ou com circulação hostil.







## Se o entorno muda, o plano também

Quando o entorno passou a oferecer riscos, como por exemplo, presença de usuários de drogas em certos horários, a resposta de uma organização não foi cancelar as atividades, mas **replanejar horários, trajetos e supervisão**. O importante foi assumir que algumas coisas fogem ao controle e criar estratégias de mitigação para não perder as meninas: mudar a hora do treino, combinar pontos de encontro mais seguros e distribuir melhor a equipe na borda da pista.

## Logística definida gera confiança

Checagem de presença inicial e final, um canal oficial para falar com famílias, e o preparo de ambulância quando o evento é maior são algumas medidas que as organizações do Skate Para Mudança Social destacaram que podem **reduzir a ansiedade de responsáveis e dar mais previsibilidade à operação**.



## Pintar a pista pode ser mais que estética

*“A gente fez a atividade de pintar a pista”*, comentou orgulhosa uma educadora. Para alguns pode até parecer detalhe estético, mas é muito mais. Ao deixar marcas visuais próprias, as meninas reconhecem o lugar como delas, o que aumenta a permanência, o zelo com os materiais e até a disposição para convidar outras amigas — sinais clássicos de pertencimento.





**“SKATE NÃO É COISA DE MENINO,  
É DE TODO MUNDO”**

— Yasmin, 13 anos, participante do programa

### Para refletir

Equidade não nasce do nada. Ela aparece quando o programa abre espaço real para as meninas existirem: com linguagem, regras e referências que dizem “*este lugar também é seu*”.



## Equidade e representatividade no esporte

Fim de tarde na pista. O sol bate de lado no concreto e uma roda começa com um simples “*o que vocês querem tentar hoje?*” de uma educadora. Duas meninas trocam um olhar, uma pede uma manobra, a outra se oferece para demonstrar. Ali, entre o convite explícito para tentar e a presença de quem já abriu caminho, dá pra ver o momento em que a pista deixa de ser dos outros e passa a caber nelas.

Na rampa, uma das crianças diz em voz alta o que muitas pensam em silêncio: “*se a Rayssa Leal pode, eu também posso.*” A frase corre pela borda e chega às famílias, que começam a enxergar futuro no skate. Na arquibancada, uma mãe comenta que deixou a filha participar porque “*aqui tem professora mulher*”.

Representatividade encontra equidade exatamente aí: no encontro entre referências que abrem caminho e rotinas que garantem a vez de cada menina — **para que entrar seja possível, ficar seja desejável e liderar vire consequência.**



## O que os dados – e as meninas – pedem de nós

O skate é um esporte de coragem, de tentativa e erro, e de superação da frustração. Mas, para as meninas que se juntaram ao Programa Skate pela Mudança Social, a maior manobra foi, muitas vezes, enfrentar o preconceito de quem insiste em dizer que skate é coisa de menino.

Em **Lagoa de Itaenga (PE)**,

Maria Sophia, de 12 anos, percebeu que a chegada do programa mudou a visão da cidade. Antes, o skate era visto como um esporte masculino, mas a iniciativa ajudou a ampliar a percepção das pessoas para não terem preconceito. As jovens participantes do programa demonstram clareza de que o esporte é para todas as pessoas, independente do gênero. Para Aline, de 10 anos, as meninas são "*muitas e motivadas*", e ninguém deve rejeitá-las dizendo que o skate é só para meninos.

Embora o skate não tenha um gênero específico, a realidade é que o esporte no Brasil ainda opera em um contexto onde os meninos e homens têm mais oportunidades e vantagens. Achados recentes da *Women's Sports Foundation* reforçam o cenário:



**7 em 10 mulheres** relatam barreiras para acesso pleno na juventude: finanças familiares (26,7%), falta de engajamento dos pais (20,4%) e oportunidades limitadas aparecem no topo da lista.



**26,7%**

*finanças familiares*

**20,4%**

*falta de engajamento dos pais*



**No Brasil**, meninas relataram aumento expressivo de tarefas domésticas, reduzindo tempo livre para lazer e esporte; metade percebeu piora no lazer e na saúde mental. Heloísa, 11 anos, levou o debate para dentro de casa — quando ouviu do primo que skate “*não é pra menina*”, inspirada pelas professoras e colegas do Programa Skate pela Mudança Social, respondeu com um direito simples: **eu posso**.

É importante lembrar também que as desigualdades se sobrepõem (raça, renda, território, deficiência, identidade de gênero e migração) e **o caminho é claro**:

**Interseccionalidade não é opcional. Quando projetos reconhecem esse contexto e ajustam rotinas, a curva muda de direção.**







No início, por exemplo, a PESS - Projeto Escola de Skate Social, em Amontada (CE), trabalhava majoritariamente com meninos, mas, com a intencionalidade do programa, hoje tem em sua maioria, meninas andando de skate. No começo, a proporção de meninas em projetos de skate chegava a 10%, mas, com as novas estratégias, a participação feminina subiu para quase 50%.



## O trabalho lá e nas demais organizações participantes foi feito em três frentes principais:

1

### Linguagem e Exemplos:

Ter apenas homens nas equipes do projeto ou chamar um grupo misto de jovens de "meninos" faz com que as meninas tenham uma probabilidade significativamente menor de participar ou intervir, pois sentem que a fala e o espaço não são direcionados a elas.

Utilize uma linguagem inclusiva, substituindo termos como "meninos" por "pessoal," "vocês," ou "atletas". Ao citar exemplos de atletas bem-sucedidos, inclua intencionalmente mulheres e equipes femininas. Não foi acaso que as organizações planejaram ter mais mulheres nos projetos de skate. A REMS trouxe forte e desde o começo do Programa a ideia de que considerar mulheres dentro das equipes dos projetos, especialmente educadoras, é decisivo para abrir portas e reduzir barreiras simbólicas.

2

### Ambientes de Coragem:

Meninas são frequentemente elogiadas por suas conquistas, enquanto meninos são recompensados por assumirem riscos. Isso pode levar as meninas a terem menos disposição para tentar coisas novas, temendo o fracasso.

Crie ambientes que recompensam a coragem, incentivando as meninas a tentar coisas novas. Elogie quando elas assumem riscos e deixe que os erros aconteçam, compartilhando seus próprios erros para que elas se sintam seguras para cometer os delas.

Saiba mais no capítulo 1



# 3

## Criação de Espaços Seguros:

Meninas relatam sentir-se menos seguras em espaços públicos, com assédio e violência de gênero na rua e online — fatores que restringem circulação, tempo livre e, na prática, o acesso ao lazer e ao esporte.

Treinadores devem tornar os espaços acolhedores, verificando se são bem iluminados, supervisionados e livres de discriminação. É responsabilidade de todos priorizar a segurança e o bem-estar. No Brasil, 74% das garotas apontam o/a treinador(a) como fator de confiança para permanecer no esporte.



**Saiba mais no capítulo 2**

Toda essa intencionalidade e trabalho pela equidade vale a pena: a pesquisa *Play to Lead* (Women's Sports Foundation) mostra que 67% das mulheres dizem levar para a vida adulta habilidades aprendidas no esporte e quase metade (48,6%) credita ao esporte o próprio desenvolvimento de liderança — efeito ainda mais forte nas faixas mais jovens. Ou seja: cada sessão bem-feita hoje alimenta uma trilha de liderança e equidade amanhã.



# O efeito Rayssa Leal

Do cotidiano da aula ao horizonte das possibilidades, a Rayssa Leal funciona como um farol na altura do olho. Menina, nordestina, vinda de Imperatriz (MA), ela desarma o “*não é pra você*” com algo simples e poderoso: ela foi lá e fez. Não é a busca pelo pódio a todo custo ou pelo discurso perfeito, mas sim o processo se fazendo visível: tentativa, erro, ajuste, ousadia... e de novo. Quando a Rayssa aparece, o mapa mental das meninas muda de escala: a pista deixa de ser território dos outros e vira lugar de futuro.





## Educadoras e participantes contam o impacto de ver a Rayssa — ao vivo ou na tela — e como o sonho “cola” na prática da pista:

“Significa muito para as meninas encontrar com a Rayssa... ela é uma referência. Elas se espelham na Rayssa, no jeito que ela anda.”

**Laura Beatriz**, educadora do IEMais

“Conhecer a Rayssa foi muito bom... vendo ela eu posso me esforçar mais, ela é uma inspiração para mim.”

**Adrielly**, participante da PESS - Projeto Escola de Skate Social



Quando a referência tem sotaque semelhante, rosto de menina e coragem na frente das câmeras, a conversa dentro de casa também muda. As meninas a veem no skate e se inspiram; e os pais passam a incentivar, porque veem a Rayssa vencendo e querem isso para os filhos. A presença dela legitima a ambição: se ela, menina do Nordeste, pode ocupar a pista, eu posso também.

No fim, é um circuito virtuoso: Rayssa no imaginário destrava o desejo; professoras na pista dão a primeira mão e regulam o clima; as meninas devolvem à comunidade a prova viva de que esse caminho é real e possível.



### Um encontro que deixou marcas

Como parte do Programa Skate pela Mudança Social, um grupo de meninas e educadores viajou a São Paulo para uma imersão que incluiu treino em Poá com a Social Skate e a chance de acompanhar a Rayssa Leal de perto durante a etapa decisiva do Street League Skateboarding, no Ginásio do Ibirapuera, onde a atleta conquistou o título. Para as equipes, o encontro consolidou a ponte entre referência nacional e prática cotidiana, e reforçou o papel do programa em articular formação, intercâmbio e pertencimento feminino no skate.



[Clique para assistir](#)





“ É emocionante ver como o skate pode abrir portas, construir confiança e fomentar equidade de gênero. Este encontro com a Rayssa foi um marco para reforçar que o esporte tem o poder de mudar vidas. ”

**Jessyca Rodrigues**, Presidente do Instituto Esporte Mais



“ Foi muito legal poder conhecer os professores dos projetos e, principalmente, conversar com as meninas. Fico feliz de poder inspirá-las, de alguma forma, para que elas continuem andando de skate e sigam seus sonhos. É uma alegria poder fazer parte disso tudo e contribuir com as novas gerações de skatistas do Nordeste. ”

**Rayssa Leal**





**“A GENTE NÃO TÁ SOZINHA NO SKATE”**

— Maria Sofia, 13 anos, participante do programa

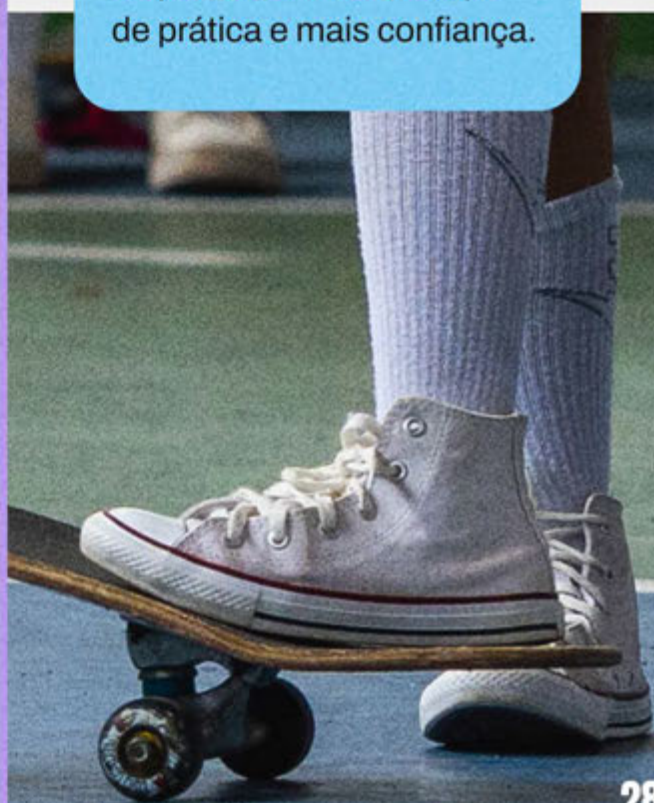
## Trabalhando em rede e junto às famílias

Quarta à tarde, notificação no grupo de WhatsApp das organizações do Programa Skate pela Mudança Social: “*alguém tem um modelo de autorização de imagem que funcione?*”. Cinco minutos depois chega um PDF, mais uma foto de cartaz de combinados, mais um áudio com dica de “roda de abertura” que acalmou as educadoras novatas. Na semana seguinte, educadores de Fortaleza enviam vídeo de uma dinâmica; outros em Amontada respondem com um roteiro de conversa com famílias; a equipe de Lagoa de Itaenga devolve um check-list simples de segurança para evento maior. Ninguém está inventando do zero: **estão trocando**.

Esse trabalho em rede incluiu, desde o início, as famílias como parte da engrenagem: informar, combinar, acolher dúvidas e tornar visíveis as rotinas de segurança. E assim, pouco a pouco, conquistar a confiança dos responsáveis - e a presença das crianças. Quando organização e família miram o mesmo objetivo — mais crianças seguras, confiantes e protagonistas — a pista deixa de ser concreto e vira chão de pertencimento, com cada tentativa assinada por duas mãos: a da rede e a de casa.

### Para refletir

**Ninguém faz uma pista segura e transformadora sozinho.** Quando organizações com expertises diferentes se juntam, educadores trocam práticas e quando as famílias entram no jogo, o resultado é mais menina na pista, com mais tempo de prática e mais confiança.





# Cada ONG com seu superpoder

No começo, cada organização tinha uma fortaleza distinta: o IEMais com visão pedagógica amadurecida e agenda de gênero; a Conexão Social com leitura fina de território e mobilização comunitária; o PESS - Projeto Escola de Skate Social com o skate “de raiz” e o pé na pista há anos. O Programa apostou no encaixe, no olhar para a complementaridade. E isso definiu o jeito de trabalhar: visitas cruzadas, ligações fora do roteiro, dúvidas de logística resolvidas no grupo de whatsapp e, quando preciso, mentoria direta de quem já tinha trilhado o caminho. Inclusive com a Social Skate aparecendo como referência viva do “skate educacional” que nasce na rua e volta para a comunidade. O resultado? **Um repertório coletivo que nenhuma organização teria sozinha.**

O IEMais por exemplo descreveu o começo no skate “com frio na barriga” e a confiança que veio ao ver que havia um ecossistema para aprender junto, com capacitações e trocas estruturadas entre pares, que sustentaram a virada do esporte que antes era o carro chefe da organização, o futebol, para o skate com intencionalidade para meninas.

## Práticas que funcionaram



**Intercâmbio que aumenta o senso do que é possível.** Quando Instituto Esporte Mais (Fortaleza-CE) e PESS (Amontada-CE) passaram um dia juntas, a mensagem foi poderosa: “não é só nos grandes campeonatos ou atletas estrela na TV, aqui do lado também tem menina mandando bem”, destacam as gestoras do IEMais. Ver pares próximos fazendo, e não só ouvir falar, reduziu a distância simbólica e puxou ainda mais adesão e boas práticas por parte de ambas as organizações.



**Referências que vieram antes.** Nas idas à Social Skate, educadores reconheceram testinha, leila e toda a equipe da Social Skate como biblioteca — um lembrete de que a cultura da pista é comunitária. A ancoragem em quem pavimentou esse caminho evitou reinvenções e deu segurança pedagógica para adaptações locais.





**Complementaridade como critério.** A curadoria do Programa Skate Pela Mundaça Social não juntou mais do mesmo, mas sim uniu quem tinha peças diferentes do quebra-cabeça — e isso elevou o nível das conversas (e das soluções) ao longo do ano.



**Canal aberto, inclusive no informal.** Além dos encontros oficiais, as equipes se cutucaram no 1-a-1 para pedir planilhas, revisar políticas de salvaguarda, discutir dúvidas de equipe e até falar com conselhos e diretorias — a rede funcionou como uma central de dúvidas potente tanto para o lado pedagógico quanto pro lado institucional.

## Participação das famílias: da autorização ao orgulho

Onde houve comunicação ativa os receios dos familiares caíram, especialmente em contextos nos quais o entorno é desafiador e com ideias pré concebidas sobre o skate e seus praticantes. Em vários relatos, pais e responsáveis saem do papel de “autorizar ou não” para o de torcer, acompanhar e vibrar a cada tentativa. Em Lagoa de Itaenga (PE), Vitória, participante da Conexão Social, resumiu o efeito do Programa na sua família: pouco depois de autorizar sua participação, seu pai já estava na borda da pista vibrando.

*“Meu pai ficou orgulhoso de cada manobra que acertei.”*

É a resignificação do campo de sentido acontecendo ao vivo: de proibição a orgulho, de desconfiança a presença na arquibancada. Essa validação familiar aumenta a assiduidade, protege contra a evasão em “efeito dominó” (se uma sai, outras tendem a sair) e dá carga emocional para atravessar a fase mais crítica de aprendizagem do início com muito erro.



Quando as famílias entendem a lógica pedagógica do skate educacional (saiba mais no Capítulo "Para Além da Manobra") o humor de casa muda e a presença aumenta. No IEMais, educadoras relatam que criar um ambiente onde a menina tem experiência positiva com o esporte (e com pares como ela) foi decisivo para destravar a autorização e sustentar a permanência.

Há também histórias de apoio ativo desde cedo, que mostram o quanto a participação familiar multiplica o alcance do projeto. Uma participante narra que o pai passou a sair do trabalho às oito da noite para levá-la à pista, filmar treinos e dar a mão no primeiro drop: *"meu pai é o meu melhor amigo... ele me apoia"*; É o orgulho virando infraestrutura de prática: carona, presença, incentivo, memória do progresso.

Na Conexão Social (PE), as meninas também descrevem como a família entrou no circuito e ampliou a rede: *"meu tio comprou skate pros meus primos através de mim... quando eu finalmente acertei o flip, foi depois de seis meses tentando. Meu pai me dizia 'tem dia que sai, tem dia que não'"*. O discurso doméstico, antes marcado por receio e preconceito, passa a valorizar processo, persistência e segurança, reforçando a permanência.





## Dicas práticas para envolver mais as famílias



**Transparência operacional:** ponto de encontro, horários definidos, responsáveis identificados, autorização de imagem e canal oficial de dúvidas.



**Tomada de decisão em conjunto:** rodas com famílias no início do projeto e antes de saídas/eventos; espaço para combinados de corresponsabilidade.



**Dia de família na pista:** sessões abertas para assistir e dar o primeiro empurrão; devolutiva curta sobre o que a criança aprendeu tentando hoje.



**Efeito-rede entre responsáveis:** estimule que uma família convide outra; celebre publicamente o apoio. O orgulho sustenta a presença na semana seguinte.





**“A CADA DIA A GENTE SE ESFORÇA  
PARA APRENDER COISAS NOVAS”**

— Heloisa, 11 anos, participante do programa

### Para refletir

**Melhoria contínua não acontece só nas crianças que estão aprendendo o skate, mas também na organização que lidera o projeto.** Cada feedback de mãe, cada conversa com as próprias meninas, cada formulário é matéria-prima para ajustar a rota.



## Melhoria contínua

Se a gente filma uma aula inteira de skate do Programa Skate Pela Mudança Social, raramente o que aparece mais são as “grandes manobras”. O que domina a cena são os microajustes: uma menina mexendo o pé só um pouco mais pra frente, outra inclinando o corpo antes de dropar, alguém respirando fundo na beira da rampa, um pedido de mão para a educadora, o olhar atento para a amiga que acabou de tentar. É nesse vai e volta quase invisível que a aprendizagem acontece.

As próprias meninas descrevem essa sensação com imagens muito fortes. “É como se eu estivesse surfando, o vento batendo no rosto, trazendo uma paz”, conta Maria Sofia, participante da Conexão Social, em Lagoa de Itaenga.

Mas essa ideia de melhoria contínua não vale só para quem está em cima do skate. Ao longo do programa, as organizações também passaram por um processo parecido: observar o que funciona e o que trava, ajustar o plano de aula, reorganizar o uso da pista, testar novas dinâmicas, escutar meninas e famílias e, a partir disso, mudar o jeito de cuidar do projeto.





## Observar para ajustar: como o programa foi se redesenhando junto com quem participa

Nos bastidores do programa, havia uma pergunta que voltava o tempo todo: “Do jeito que estamos fazendo, isso está realmente ajudando as crianças e organizações?”. Não era só uma curiosidade – era quase um mantra. Nike, Laureus e REMS começaram o programa com um quadro claro de onde queriam chegar: ver mais meninas ocupando as pistas e perceber se elas saíam das atividades mais confiantes em relação a si mesmas e ao seu futuro. Ao mesmo tempo, havia um segundo olhar, mais de “rede”: como esse processo também poderia fortalecer as organizações, sua visão de esporte educacional e seu jeito de trabalhar com equidade de gênero.

Na prática, isso significou tratar cada aula como um “campo de observação”. O que na linguagem técnica se chamaria monitoramento e avaliação aparecia ali de um jeito simples: educadores observando quem se arriscava mais ou menos, quem ficava sempre na borda da pista, que tipo de combinados funcionavam melhor, que formatos de aula geravam mais brilho no olho. Depois, vinham as conversas – entre equipe, com as meninas, com as famílias e com os parceiros – para fazer a pergunta seguinte: “O que precisamos ajustar?”.







Do lado das organizações participantes, esse movimento virou rotina e, em muitos casos, mexeu na forma de planejar o programa. Algumas equipes perceberam, por exemplo, que certas meninas estavam travando diante de desafios muito avançados logo no início. A resposta não foi “elas não estão prontas”, mas “como podemos recalibrar a pista para elas?”.



#### Isso levou a ajustes como:



Mudar o jeito de usar o espaço, começando por manobras mais simples em áreas planas antes de ir para a rampa;



Repensar a divisão das turmas, às vezes por nível de habilidade ou por interesses, em vez de apenas por idade;



Abrir mais tempo de conversa livre no meio da aula, e não só no final, para que as meninas pudessem falar sobre medos, dores, conquistas;



Trazer as famílias mais para perto, explicando o passo a passo das atividades e acolhendo desde o medo de quedas até dúvidas sobre “o que o skate pode representar para o futuro da minha filha”.

Um exemplo concreto que apareceu em mais de uma organização foi a mudança na forma de encerrar as aulas. No começo, as perguntas clássicas eram: “Gostaram?”, “Foi legal?”. Com o tempo, educadoras e educadores passaram a testar perguntas mais específicas, quase como pequenas lentes de avaliação: **“O que você faria diferente na aula de hoje?”**, **“Qual foi o momento em que você quase desistiu, mas continuou?”**, **“Teve alguma coisa na pista ou na organização da aula que te atrapalhou?”**, **“Qual momento da aula você teve mais coragem?”**, **“Quem te ajudou a evoluir hoje?”**. As respostas ajudavam a entender não só o que as meninas estavam sentindo, mas também o que a própria organização precisava mudar – do horário da atividade ao jeito de formar fila na rampa.



Em uma das organizações, esse olhar mais atento levou a uma decisão importante: **criar momentos exclusivamente de meninas na pista, após observar que, nos treinos mistos, elas tendiam a ceder espaço ou esperar os meninos tentarem primeiro.** A mudança não veio de uma “ideia genial” de fora, mas da combinação entre observar a prática, ouvir as meninas, conversar com a equipe e alinhar com parceiros. O aprendizado que fica é simples e poderoso: quando a organização se vê em processo, assim como as próprias crianças, ela ganha permissão para experimentar, errar e corrigir a rota – e o programa fica melhor a cada ciclo.



No fim, observar e ajustar virou parte da identidade do Skate pela Mudança Social. Mais do que preencher planilhas, significou cultivar uma postura: olhar para o que acontece na pista com curiosidade, ouvir com atenção o que meninas, famílias, educadores e parceiros têm a dizer, e usar tudo isso para desenhar o próximo treino um pouco melhor do que o anterior. É essa lógica de melhoria contínua – nas crianças e nas organizações – que sustenta o capítulo que você está lendo.





# Saber para onde se quer ir: resultados, histórias e credibilidade

Para manter um projeto vivo, não basta sentir que “tá legal”. É preciso saber que mudanças estamos buscando — e conseguir contar essa história para dentro e para fora.

No Programa Skate pela Mudança Social, algumas perguntas-guia ajudaram muito:

## Qual mudança queremos promover?

Mais meninas ocupando pistas e espaços esportivos das cidades. Meninas se declarando mais confiantes, arriscando mais, sonhando maior.

Organizações mais preparadas para trabalhar esporte como educação, com salvaguarda, diversidade e equidade de gênero como pilares.

## Como vamos perceber essas mudanças?

Pelos relatos das meninas (“depois do skate eu comecei a confiar mais em mim, consegui me desenvolver melhor na escola”)

Pelas mudanças na rotina das famílias (“agora eu deixo minha filha ir porque vi a Raíssa com elas”)

Pelos ajustes que as próprias organizações passaram a fazer em seus planos de aula e na relação com a comunidade.

Pensar em resultados na prática para as organizações significou criar instrumentos simples, mas consistentes: **formulários curtos de três em três meses, gráficos de “pertencimento”** **construídos com as próprias meninas, registros de frequência e de participação das famílias, diários de bordo das educadoras.** Uma organização relatou como passou a perguntar às adolescentes se sentiam-se parte do projeto antes e depois das atividades e a transformar essas respostas em gráficos que guiavam ajustes nas aulas e na forma de acolher as famílias. Em paralelo, oficinas específicas trabalharam comunicação de impacto e pesquisa, incentivando as organizações a usarem esses dados não só para “prestar contas”, mas para melhorar suas práticas e dialogar melhor com quem as apoia.





Esse processo também mudou o jeito como as lideranças se veem. A equipe do Instituto Esporte Mais conta que o Programa reforçou o compromisso de acompanhar o que acontece na pista de forma mais organizada, não só na intuição. Para eles, ter clareza de resultados “ajuda a validar o que a gente faz, a ficar mais confiante com o trabalho, com os resultados e com o que a gente comunica para fora”. Quando uma organização consegue mostrar, com histórias e evidências, que as meninas estão ganhando autoestima, protagonismo e coragem para tentar, isso fortalece sua credibilidade diante de famílias, parceiros locais e financiadores.



Esse olhar para resultados esperados é ainda mais importante num país em que tantas meninas vivem sobrecarga de tarefas domésticas, violências e falta de oportunidades — e, ainda assim, seguem orgulhosas de quem são e sonhando com futuros mais justos, como mostra a pesquisa Por Ser Menina no Brasil. Quando um projeto consegue mostrar, com dados e relatos, que está abrindo pequenas brechas de liberdade, pertencimento e confiança, ele ganha força para seguir e inspirar uma mudança de cultura.

**E aqui entra um ponto central para o Guia: coletar resultados também é construir histórias.**



A história de **Ana Clara** dizendo que “*cair significa levantar de novo e não desistir, sempre manter o foco*”

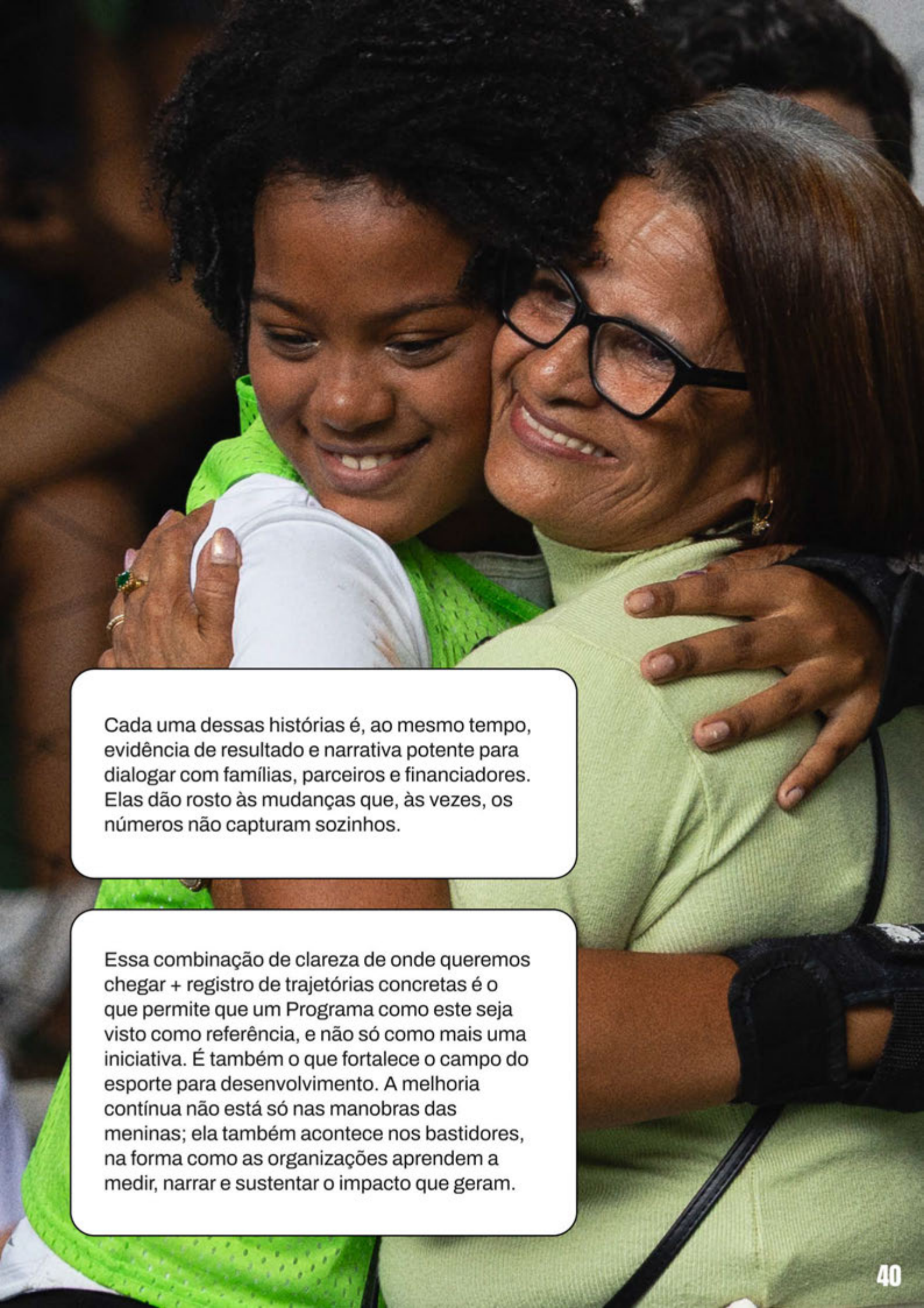


A de **Aline**, que percebeu que “respeito sempre vence tudo” e aprendeu a remover o clima de briga com escuta e palavras de respeito, e não com gritos e mais agressividade.



A de **Maria Sofia**, que se viu atravessando o país, encontrando outras meninas skatistas e dizendo que o skate a ajudou a “*não abaixar a cabeça, porque a cada vez que a gente abaixa a cabeça, a gente está dando as costas para o nosso sonho*”.





Cada uma dessas histórias é, ao mesmo tempo, evidência de resultado e narrativa potente para dialogar com famílias, parceiros e financiadores. Elas dão rosto às mudanças que, às vezes, os números não capturam sozinhos.

Essa combinação de clareza de onde queremos chegar + registro de trajetórias concretas é o que permite que um Programa como este seja visto como referência, e não só como mais uma iniciativa. É também o que fortalece o campo do esporte para desenvolvimento. A melhoria contínua não está só nas manobras das meninas; ela também acontece nos bastidores, na forma como as organizações aprendem a medir, narrar e sustentar o impacto que geram.





**“QUERO ANDAR DE SKATE  
ATÉ OS 80 ANOS”**

— Maria Isadora, 9 anos, participante do programa

## Sustentabilidade e futuro

Quando o fim do 1º Ciclo do programa se aproxima, a sensação na pista é de conquista e junto com ela já vem a pergunta: “como é que isso continua depois?”. É dessa virada que nasce este capítulo: olhar para o Skate pela Mudança Social não só como um projeto pontual, mas como um ponto de partida para o que vem depois. Aqui, sustentabilidade não aparece só como “ter dinheiro para o ano que vem”, e sim como a capacidade de transformar o que foi vivido em argumentos, relações e parcerias que permanecem: usar as leis de incentivo como uma das peças e, junto com elas, enxergar os ativos que já existem no território e aproximar quem, de algum jeito, ganha quando mais meninas estão seguras, confiantes e ocupando a pista.

### Para refletir

Sustentabilidade é saber o propósito de cada parceria e costurá-las numa **rede que não deixa o skate, nem as meninas, saírem de cena.**





# Caminhos de financiamento e sustentabilidade

Ao longo do Programa, as organizações passaram a olhar de forma mais ampla para as diversas possibilidades de viabilização e sustentabilidade de seus projetos. Passaram também a fortalecer a capacidade de acessar essas diferentes portas com mais estratégia e segurança.

Elas começaram a perceber que o que foram construindo em seus projetos — metodologia clara, resultados acompanhados, histórias potentes, conexão com marcas reconhecidas — abria possibilidades de sustentabilidade como:



conversas com empresas locais que nunca tinham financiado esporte, mas se interessaram ao ver as meninas ocupando a praça;



aproximação com escolas públicas do entorno, que passaram a abrir o espaço, indicar alunas e até ceder estrutura em momentos-chave;



parcerias com universidades, coletivos de mulheres, conselhos tutelares, grupos de cultura urbana, que trouxeram novos recursos não só financeiros, mas humanos, técnicos e políticos.





Uma liderança comentou que, depois da participação no programa, passou a se sentir mais segura para propor parcerias “não óbvias” — por exemplo, com um pequeno comércio que poderia apoiar com lanche, com uma gráfica local que poderia imprimir cartazes, ou com uma rádio comunitária que poderia divulgar as atividades e as histórias das meninas.

Ir para o lugar de costurar apoios diversos, ancorados em um projeto sólido, é um passo importante de sustentabilidade e ele ficou mais possível após o Programa. Agora, quando uma liderança de organização senta para conversar com uma empresa local, uma fundação ou o poder público, ela não chega mais só com o discurso de “queremos fazer um projeto de skate com meninas”. Ela chega com algo muito mais concreto:

-  registros de presença e participação das meninas;
-  relatos das famílias sobre confiança, pertencimento e segurança;
-  mudanças percebidas na escola e na comunidade;
-  fotos, vídeos, depoimentos das próprias meninas dizendo o que mudou.

Em uma das entrevistas, uma gestora resumiu bem: “Antes, eu dizia ‘a gente faz um trabalho legal com meninas’. Agora, eu consigo mostrar o que esse trabalho gera. Fica muito mais fácil pedir apoio.”





# Formas de parceria: dinheiro, tempo, expertise e legitimidade

Quando a gente fala em parceria, é fácil pensar só em patrocínio financeiro. Mas o que apareceu, na prática, foi um mosaico bem mais rico de formas de contribuição — todas fundamentais para o futuro do skate educacional com meninas.

## Alguns exemplos que emergem das experiências das organizações:

- ✓ parcerias financeiras diretas: Apoio de empresas, institutos e fundações que entram com recurso recorrente ou por projeto, muitas vezes motivados por relatórios, vídeos e histórias produzidos ao longo do programa.
- ✓ apoio em equipamentos e infraestrutura: Comércio locais ajudando com água, som, transporte para eventos, etc.
- ✓ parcerias técnicas: Profissionais voluntários ou parceiros formais em áreas como comunicação, monitoramento e avaliação, design de aulas, salvaguarda, saúde e assistência social.
- ✓ parcerias institucionais: Escolas, CRAS (Centro de Referência de Assistência Social), conselhos de direitos, secretarias de esporte e educação, conselhos municipais da criança e do adolescente — que dão legitimidade, ajudam a chegar às famílias, abrem portas para usar espaços públicos.
- ✓ parcerias de visibilidade e narrativa: Veículos locais, criadores de conteúdo, fotógrafos e videomakers que ajudam a contar as histórias das meninas com qualidade — algo que, mais tarde, se converte em material poderoso para novas prospecções.

Uma coordenadora sintetizou assim:

**“O programa nos ensinou que sustentabilidade não é só ter um grande patrocinador; é ter uma rede que acredita no que você faz e se sente parte.”**



# Ativos e parceiros locais: o futuro começa do lado de casa

Sustentabilidade não se constrói só em grandes reuniões em metrópoles. Ela começa ali, onde a pista está: na escola do bairro, na associação de moradores, na feira, no comércio da esquina que vê as meninas passando com o skate debaixo do braço.

Ao longo do programa, algumas organizações passaram a mapear, com mais intenção, os seus ativos locais:



a praça que já é ponto de encontro da juventude;

a escola que tem um pátio grande e professores interessados;



o CRAS que atende famílias das meninas e pode ajudar na busca ativa;

o posto de saúde que pode apoiar campanhas de prevenção de lesões e autocuidado;



coletivos de hip-hop, dança, bicicross, surf ou outras culturas urbanas, que podem cocriar eventos e fortalecer o sentimento de comunidade.





Esse mapeamento não é só uma lista. Ele vira estratégia: a educadora que passa na feira e conversa com a dona da barraca sobre as atividades; a coordenação que chama o diretor da escola para ver um treino; a mãe que é boa em organizar rifa e ajuda a levantar recurso para uma viagem; o tio que tem uma borracharia e vira o “patrocinador” das rodas de skate da turma.

Uma liderança comentou que, depois do programa, passou a fazer uma pergunta que não fazia antes: “Quem, aqui perto, tem algo a ganhar se mais meninas estiverem seguras, confiantes e ocupando esse espaço?” A partir dessa pergunta, a organização começou a se aproximar de parceiros que, inicialmente, nem se enxergavam como parte do projeto — e que hoje ajudam a manter as atividades vivas.

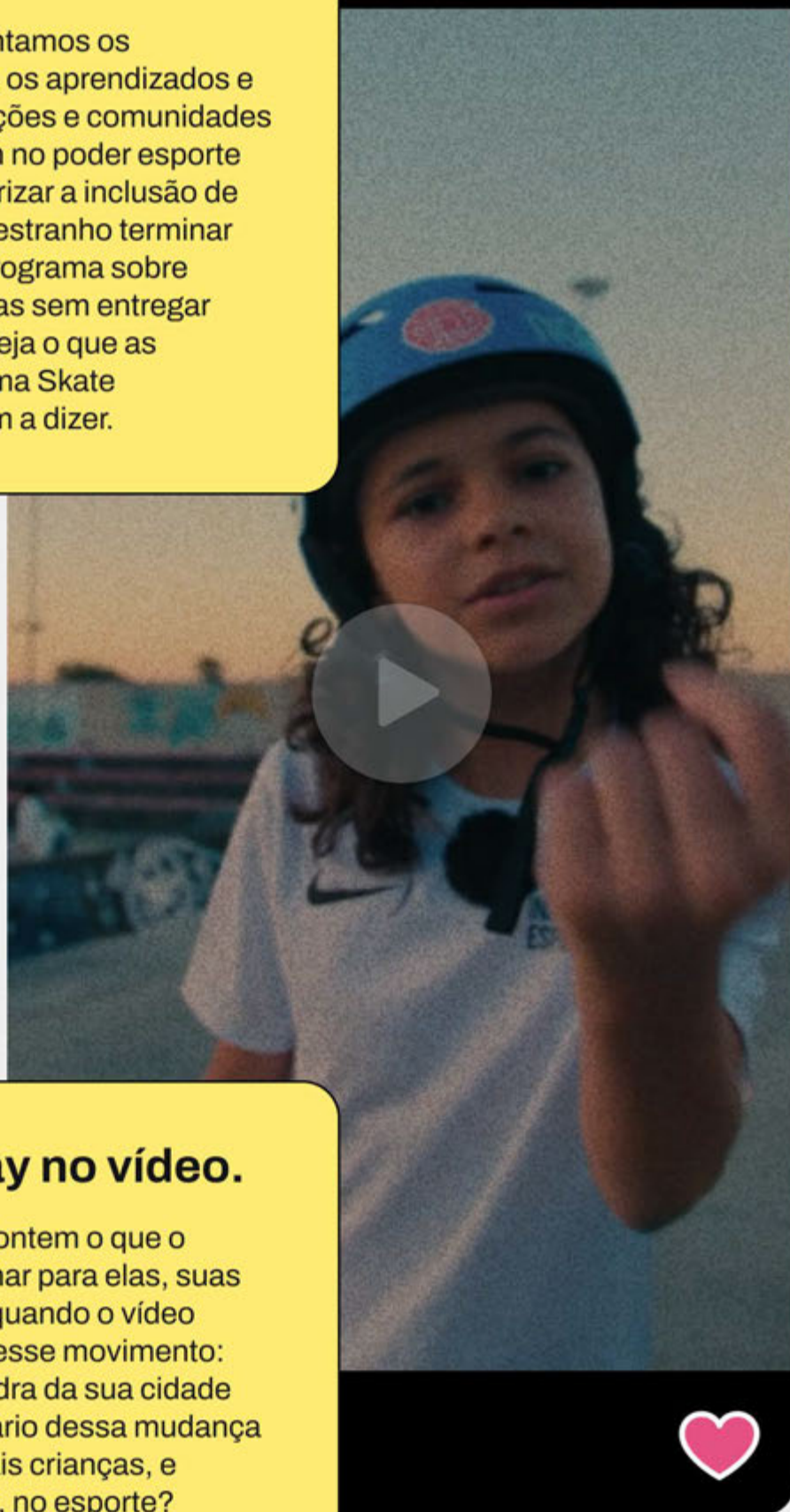


**No fim das contas, sustentabilidade e futuro não são capítulos separados da história do Skate pela Mudança Social. Eles são a continuação natural de tudo o que vimos até aqui: monitorar e avaliar melhor, contar melhor, se relacionar e co-construir melhor.**



# PALAVRAS FINAIS

Ao longo deste guia, contamos os bastidores, as escolhas, os aprendizados e os desafios de organizações e comunidades corajosas que acreditam no poder esporte e na importância de priorizar a inclusão de meninas. Por isso seria estranho terminar o primeiro ciclo desse programa sobre protagonismo de meninas sem entregar o microfone para elas. Veja o que as participantes do Programa Skate pela Mudança Social tem a dizer.



## Agora, dê o play no vídeo.

Deixe que as meninas contem o que o esporte pode proporcionar para elas, suas famílias e territórios. E, quando o vídeo acabar, junte-se a nós nesse movimento: qual pista, praça ou quadra da sua cidade pode ser o próximo cenário dessa mudança coletiva para inspirar mais crianças, e principalmente meninas, no esporte?



## **Organizações Apoiadoras**

**Laureus**  
Amanda Lima

**Nike**  
Bruno Teixeira  
Vitor Abud

**REMS**  
Ana Luíza Carrança  
Beatriz Faia  
William de Oliveira

## **Apoiadora Técnica**

**Social Skate**  
Leila dos Santos  
Sandro "Testinha" Soares

## **Organizações Apoiadas**

**Conexão Social**  
Ana Paula Silva  
Andreis Victor dos Santos  
Andrison Felipe Freire  
Arthur Yure Pereira  
Esmeralda Aparecida  
Genoveva Belarmino  
Laura Lima  
Iolanda Maria de Lima  
Ione Severina da Silva  
Jaciedina Lima  
Kleyton da Silva  
Lucas da Silva  
Maria Ystella de Lima  
Marília Eduarda dos Santos  
Paulo Henrique da Silva  
Paulo José de Santana  
Raphael de Andrade  
Severina Luiza Nascimento  
Tatiane da Silva  
Vitória de Oliveira

**IEMais**  
Alana Mourão  
Ceres Pinto  
Gerlandia Barbosa  
Jessyca Lopes  
Juliano Prado  
Larissa Brenda Moura  
Laura Beatriz Silva  
Maria Clara Dias  
Sofia Muniz

**PESS**  
Camila C Alves  
Dawel Alves  
Eliane Barbosa  
Jesimiel Alves  
Pablo Olanda  
Regina Vasconcelos

## **Workshops e Formações**

**ACER**  
Jonathan Hannay  
Andressa Silva  
Kelly Lima

**AESPE**  
Vinicius Alves

**EMPODERA**  
Jane Moura

**Fundação Gol de Letra**  
Edgard Arantes

**Ideal Axicom**  
Paula Nadal

**Instituto Teko Porã**  
William de Oliveira

**IPOM**  
Fabrini Andrade

**Laureus**  
Fiona Cooper

**Natividade**  
Andreia Castro

**Social Skate**  
Brenda Soares  
Breno Soares  
Flávio Pinho  
José Hadas  
Juliana Barboza  
Leila dos Santos  
Natália Soares  
Paulo Bueno  
Sandro "Testinha" Soares

## **Fotos e Vídeos**

Mavo.co

## **Produção deste Guia**

**Pesquisa e Textos**  
Ana Lúcia Orleans

**Diagramação**  
Sofia Torres



# skate

pela  
mudança social

realização:



apoio:

